Universidade de São Paulo

Faculdade de Saúde Pública

Departamento de Saúde Pública

Disciplina: Gênero e Saúde Materna

Aluna: Thais Cristina de Souza Silva – 11344168

Aula 24/04/2019

O tema central da pesquisa que realizei no final da minha graduação, 2016-2017, foi sobre a associação do fenômeno do Zika vírus e religião. Esta pesquisa, em específico, teve como objetivo observar o fenômeno do vírus zika na cidade de Recife/PE com uma perspectiva voltada para a religiosidade do discurso das mulheres e mães que tiveram zika na gravidez e seus bebês nasceram com a síndrome congênita do vírus zika, em que a microcefalia é apenas uma das facetas, já que os efeitos ainda estão sendo estudados e conhecidos tanto pelas mães e familiares quanto pelos profissionais de saúde e pesquisadores que as acompanham. No período da pesquisa, eu pude acompanhar os primeiros meses das crianças com a síndrome até seus quase 2 anos de idade.

Esse assunto pode ser associado aos textos *Gênero, saúde materna e paradoxo perinatal* escrito por Simone Grilo Diniz e *Disrespect and abuse in childbirth in Brazil: socialactivism, public policies and providers’training* escrito também pela Carmen Simone Grilo Diniz e Daphne Rattner, Ana Flávia Pires Lucasd’Oliveira, Janaína Marques de Aguiar & Denise Yoshie Niy, tendo em vista ambas obras estudam o processo pré e pós parto.

As mulheres as quais pude acompanhar atingidas pelo zika vírus descobriram a microcefalia de seus bebês ainda na gestação por meio do pré natal, ilustrando a informação apresentada nos textos de que as mulheres no Brasil estão frequentando cada vez mais o consultório médico. Além desse dado, outro ponto apresentado no texto são os altos índices de cesarianas realizadas no território brasileiro. No caso do zika não é diferente, a gravidez de bebê com microcefalia já é de risco, o parto não seria diferente, necessitando, assim, da utilização dessa técnica para a sobrevivência das crianças e da mãe.

Essas mulheres, majoritariamente negras, de baixa renda, solitárias (nem todas solteiras) e usuárias do SUS, assim como também é mostrado nos textos, são cercadas de violência obstétrica com abusos verbais e humilhações, não somente direcionadas a elas no momento do parto e pós parto, como também a seus filhos. Diversas vezes foram relatados que por causa do “probleminha” (termo usado pelos médicos para as mães) de seus filhos eles teriam baixíssimas expectativas de vida e talvez fosse mais fácil já se preparar para dizer adeus. Tanto a linguagem como a forma de tratamento que muitas vezes eram dados a elas, eram cheias de termos especializados ou com poucas informações e instruções.

A luta por diretos dessas mulheres/mães é somada a agenda dos movimentos sociais feministas e de saúde buscando garantir direitos reprodutivos fundamentais, como por exemplo o direito ao aborto em casos de microcefalia, o qual não avançou muito dentro das esferas do governo. E tratamento humanizado e adequado nesses e em outros casos, fato que começou a acontecer por meio da criação de documentos gerados pela OPAS/OMS - tanto voltados para os profissionais da saúde quanto para os familiares que convivem com os atingidos pelo zika vírus - abordando temática que vão da contaminação, avaliação dos bebês com microcefalia até recomendações de ***Amamentação no contexto do vírus Zika - Orientações preliminares.*** Bem como, a busca por melhorias na saúde da mulher ainda não chegou ao fim, a luta dessas mães também não.